



**A ESCRITA ACADÊMICA EM DEBATE:
CONSIDERAÇÕES SOBRE SUA DIMENSÃO POLÍTICA**

Rafael Rossi¹

Resumo

Através do presente texto temos por objetivo expor elementos que permitam refletir sobre a escrita acadêmica em suas múltiplas dificuldades a partir da elaboração de relatórios e trabalhos para eventos. A meta é apontar a consideração da identificação na escolha do tema como aporte necessário para o desenvolvimento e exposição de argumentos que possibilitem, em potencial, a criação de textos claros, precisos e problematizadores. No entanto, para isso, utilizamos das críticas mais comuns e “tropeços” traçados pelo autor nesse caminho que, com certeza, ainda precisa de muito aprimoramento dado a incompletude e desse escritor.

Palavras chave: Escrita, Medo, Paixão, Linguagem científica.

¹ Licenciado e Mestre em Geografia pela UNESP/FCT de Pres. Pte. Atualmente é doutorando em Educação pela mesma instituição. E-mail: rafaelrossi6789@hotmail.com



Resumen

A través de este trabajo se pretende exponer la evidencia de reflexionar sobre la escritura académica en sus múltiples dificultades de la presentación de informes y artículos científicos. El punto de destino es la consideración de la elección del tema de la identificación como una contribución necesaria para el desarrollo y exposición de argumentos que permiten, potencialmente, el establecimiento de textos claros, precisos y de resolución de problemas. Sin embargo, para ello utilizamos las críticas más comunes y "tropiezo" descrito por el autor de esta manera, por supuesto, todavía necesita un montón de mejoras y dado el carácter incompleto de este escritor.

Palabras clave: Escritura, Miedo, Pasión, lenguaje científico.

Introdução

"Somos todos escritores. Só que uns escrevem, outros não." (José Saramago)

Meu objetivo neste ensaio não é seguir os padrões acadêmicos e científicos dos quais se valem todos aqueles preocupados com uma informação lúcida e reflexivamente embasada em preceitos e padrões acadêmicos. Minha ambição é simples: tentarei esboçar em pequenos aprendizados, minhas andanças pela difícil e árdua escrita científica, com intuito de desmistificar a ideia de que escrever "é para poucos" como ouço às vezes pelos corredores universitários. Já fui



chamado em meus primeiros escritos de maniqueísta e tautológico, sem nem saber o que esses termos significavam. Tive a humildade de procurar seus sentidos e refletir, mesmo que com a reprovação dos pareceristas que me apontaram tais críticas, o vínculo com o que eu andava escrevendo.

É importante considerarmos a “paixão” no tema pesquisado, para que nossa escrita e discursos possam estar impregnados de “alma”. Para exemplificar e apontar alguns apontamentos nesse sentido divido o texto em mais duas partes. A primeira parte apresenta elementos que nos ajudam a pensar o caráter problematizador da linguagem científica. Já na segunda parte, destino às considerações finais dessa discussão reforçando ideias que creio, possuírem potencial para serem refletidas e praticadas. Não tenho pretensão alguma de parecer arrogante ou presunçoso, somente quero partilhar minhas andanças pela vida acadêmica, com intuito de retirar as “sombras negras” que, assim como eu no início, pairavam em minha cabeça fomentando o medo em escrever. Meu interlocutor, por excelência, são os estudantes de graduação em licenciaturas. Com vocês quero dialogar, pois como nos lembra Mário Sergio Cortella: “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come e se juntar... O bicho foge.”

Escrever é preciso, mas se assumir também o é...

"Escrever é ter coisas para dizer." (Darcy Ribeiro)

Vamos começar nosso debate pelo item inicial de artigos e relatórios: a introdução. Antes, porém, deixem-me comentar a frase de Darcy Ribeiro... A escrita (principalmente nosso foco neste ensaio: relatórios e artigos) necessita ser fruto de uma vontade, um querer fazer implicando o nascimento de algo já armazenado e refletido em nós mesmos. Não podemos utilizar, ou melhor, é um erro ingênuo insistir numa escrita-obrigação, ou seja, para agradar determinado professor ou



conseguir algo. É imperioso o “viver a universidade” para que através de nossas pesquisas e intervenções, realmente possamos ter algo a dizer... Voltando à parte da introdução, já me disseram e ainda sigo que nessa etapa deve-se responder a três perguntas: O quê? Por quê? Como? Isto implica em pensar sobre o que está escrevendo, qual assunto, qual tema, qual experiência descrita; em qual período, com qual finalidade e de que maneira o texto será estruturado. Trata-se de uma abordagem didática do autor em explicar seu texto de modo explícito e nítido ao leitor... Há uma frase que diz: “A obrigação em ser claro é sempre do autor, por mais qualificado que seja seu leitor...” Caetano-Chang (2012) afirma:

Na Introdução:

- O tema/assunto deve ser introduzido de forma genérica;
- Informações da literatura e respectivas citações devem ser inseridas para situar o assunto no contexto científico nacional ou internacional (Estado da Arte);
- Deve ser também mencionado o que ainda não se sabe/conhece sobre o tema;
- O escopo do trabalho deve ser apresentado concisamente;
- O trabalho deve ser justificado, expondo-se brevemente sua importância;
- Devem ser mencionadas as atividades desenvolvidas para consecução dos objetivos do trabalho;
- Podem ser mencionados, de passagem apenas, os resultados principais e a conclusão central. (CAETANO-CHANG, 2012, p. 24)

Dessa forma, percebemos que nesse item, a exposição do tema deve ser primordial, bem como a apresentação da abordagem e estruturação do material exposto e da pesquisa apresentada.

Conselho para quem vai redigir um trabalho acadêmico, de acordo com José Eli da Veiga...

*“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá
de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma
primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou*



do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer." (Graciliano Ramos)

Agora, talvez, você leitor ou leitora esteja pensando: “Caramba, então nunca vou conseguir escrever nas normas acadêmicas, isto é muito difícil...” Pois é... Sem querer ser estraga prazeres ou pedante, é mais ou menos isso mesmo. Este tipo de escrita exige muita atenção e um trabalho diário. Digo trabalho diário, pois como em muitos casos trabalhamos fora da universidade, em nossas residências, escrevendo em nossos computadores; chega uma hora do dia em que a leitura e a atenção não é mais a mesma. Se puder lhe dar um conselho: Não troque os dias pelas noites, crie uma rotina, especialmente quando o texto é grande como um relatório ou uma monografia. Somente através de um acúmulo de leituras minuciosas, que realmente percebamos os limites técnicos e subjetivos do texto, o produto final será rico em conteúdo e qualitativamente organizado de modo claro e preciso.

O desenvolvimento é momento único em que tanto a parte empírica vivencial do pesquisador, fruto de suas análises e seu relacionamento com o objeto e a parte teórica podem ser divididos em mais dois momentos ou pensados num esforço dialógico que permita compreender os nexos interpretativos do autor à luz de determinada teoria ou campo teórico. Já



nas conclusões finais, não devem comparecer elementos novos, que permitam abrir margem a outras discussões. O importante nessa parte é reafirmar pontos relevantes do texto, é como se nos perguntássemos: Daqui a 10 anos o que quero que meu leitor ou leitora lembre-se de meu texto? Essa é uma boa reflexão que ajuda a elaborar as conclusões. Quanto às normas e padronizações, crie o hábito de ler os manuais que sua universidade utiliza ou as normas que determinada revista, a qual se pretende submeter o manuscrito, exige em sua formatação.

Dentre as considerações mais comuns estão:

- Justificativas para continuidade do trabalho, com indicativo de proposta de projeto com novos objetivos e perspectivas;
- Se em Relatório Parcial, podem tratar das futuras etapas para consecução do trabalho dentro do cronograma original, ou mesmo de alterações no cronograma para viabilizar novos empreendimentos na pesquisa, ou ainda para adequar-se a situações imprevistas ocorridas durante o desenvolvimento dos trabalhos (tudo, é claro, com as devidas justificativas e fundamentações);
- Quando em Relatório Parcial, cabem considerações sobre a identificação de eventuais fontes de erros na determinação de resultados, sejam eles relacionados aos procedimentos laboratoriais ou a quaisquer falhas na coleta de informações, uso de equipamentos ou *softwares* (Metodologia) etc., seus efeitos e consequências para o estudo realizado;
- Nesse caso, devem ser consideradas as soluções para eliminação das fontes de erros, com a explanação a respeito das medidas a serem tomadas para que a situação seja resolvida até o final do projeto e a elaboração do Relatório Final. (CAETANO-CHANG, 2012, p. 32)

Caetano-Chang (2012) apresenta os principais elementos das considerações, com a observação do perfil de continuidade que esse caráter pode assumir. Para concluir a autora argumenta:

Este item deve reunir apenas as principais conclusões do trabalho, de forma direta e objetiva, sem explicações longas ou argumentações que são típicas da Discussão dos Resultados. Citações bibliográficas não são recomendadas, uma vez que aqui é o local onde devem constar apenas as contribuições do trabalho de pesquisa para o aprimoramento da ciência na área do assunto em questão ou para o desenvolvimento de novas tecnologias aplicadas aos mais diversos usos. (CAETANO-CHANG, 2012, p. 33)



Agora é muito importante falar de algo que não pode faltar em qualquer escrito e que precisa ser lembrado no meio universitário: a paixão! Uma vez ouvi de um professor que “a primeira cacetada é a que mata a cobra e tem que ser certa”. Naquela época havia lhe mostrado um ensaio que havia elaborado e que nas palavras dele: “estava muito ruim, ninguém vai publicar isso não!”. O que o professor estava dizendo é que a paixão no texto é fundamental para “matarmos a cobra”, isto é, mostrarmos o problema que estamos tratando, nossa abordagem e posicionamento. A arte de problematizar precisa ser iniciada já na introdução do texto, daí a relevância em explicitar a perspectiva em construção. A esse respeito Paulo Freire em seu livro “A importância do ato de ler em três artigos que se completam” traz um importante alerta aos pesquisadores em educação a respeito da neutralidade. Para Freire (1991):

O mito da neutralidade da educação, que leva à negação da natureza política do processo educativo e a tomá-lo como um quefazer puro, em que nos engajamos a serviço da humanidade entendida como uma abstração, é o ponto de partida para compreendermos as diferenças fundamentais entre uma prática ingênua, uma prática “astuta” e outra crítica. [...] A neutralidade da educação, de que resulta ser ela entendida como um quefazer puro, a serviço da formação de um tipo ideal de ser humano, desencarnado do real, virtuoso e bom, é uma das conotações fundamentais da visão ingênua da educação. (FREIRE, 1991, p. 23 e 28)

Mészáros (2004) também segue essa mesma linha de entendimento contida em Freire (1991), pois considera que o discurso e o mito de que a ciência percorre um curso de desenvolvimento independente e de matrizes técnicas e puras que se separam da realidade social, trata-se de uma argumentação simplista e superficial, imbuída de fortes conotações ideológicas. Concordamos em absoluto com a compreensão desses pensadores, já que a partir dos embates e objetivos materializados na prática cotidiana permitem refletir e desmascarar intencionalidades de diversos agentes no campo educacional e político.

Dessa forma, por mais que possam alguns se esforçar, não há como ser imparcial, nem na fala e muito menos na escrita. Podemos já encontrar esse alerta em: “E o verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1:14). Entender que “verbo se fez carne” quer dizer que precisamos tocar no outro, tocar o outro, despertar emoções...



"Meu verso é sangue. Volúpia ardente...

Dói-me nas veias. Amargo e quente,

Cai, gota a gota, do coração."

(Manuel Bandeira)

Essa é uma dica para a escrita, precisa ter expressividade, para não sermos indiferentes, pois a indiferença:

A indiferença é o peso morto da história. É a bola de chumbo para o inovador, é a matéria inerte em que se afogam quase sempre os entusiasmos mais esplendentes, é o fosso que cerca a velha cidade e a isola melhor dos muros mais sólidos, do peito dos seus guerreiros, porque devora nas suas águas limosas os assaltantes, os dizima e desencoraja, e os faz desistir, algumas vezes, da empresa heróica. A indiferença opera poderosamente na história. Opera passivamente mas opera. É a fatalidade; é aquilo sobre o que não se pode contar; é o que perturba os programas, que destrói os planos, mesmo os mais bem construídos; é a matéria bruta que se rebela contra a inteligência e a destroça. O que sucede, o mal que se abate sobre todos, o possível bem que um acto heróico (de valor universal) pode gerar, não é tanto devido à iniciativa dos poucos que operam como da indiferença, do absentismo de muitos. (GRAMSCI, 1971, p. 121)

Justamente por isso é fundamental pesquisar, ler, vivenciar, dialogar, viajar, refletir sobre um tema no qual acreditamos, gostamos de nos dedicar e somos apaixonados. Rubem Alves já nos alertava que o mundo acadêmico é um mundo perigoso em que muitas vezes ao invés de nos pronunciarmos e “dar nossa cara a tapa”, nos escondemos atrás das ideias que outros já defenderam. No entanto, isso não quer dizer que não podemos comentar, criticar ou concordar com os pensamentos de demais autores, só é preciso lembrar que não existe sagrado, isto é, ninguém é perfeito, todos apontam perspectivas que dado nosso fenômeno e escala de estudo apresentam potencialidades analíticas e limites também. Precisamos romper com a ideia do inquestionável, inviolável, do sagrado... Trata-se muito mais de uma questão de esperança,



esperança da qual nos falava Paulo Freire, não uma espera em vã, mas sim uma luta coletiva unida por esforços com objetivo de atingir determinado fim ou avançar e um sentido planejado.

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas. No entanto, um dos documentos filosóficos mais importantes de que dispomos, *As teses sobre Feuerbach*, de Marx, tem apenas duas páginas e meia... (FREIRE, 1991, p. 12)

O alerta de Paulo Freire é muito atual e válido. Não basta “citar por citar”, é urgente que se faça claro o porquê de tal autor, isto é, em que te ajuda na argumentação escrita. Pois como o educador afirma: “qualidade é diferente de quantidade...” Por que estou falando assim? Justamente, porque meu objetivo como afirmei no início, não é escrever um texto acadêmico. Tampouco minha meta é parecer arrogante como aquele que “sabe tudo”. O intuito é somente partilhar em poucas palavras os aprendizados que tive no caminho que estou trilhando. Sobretudo estimule sua criatividade, assista filmes, leia poesia, romances, escute música verdadeiramente caipira e erudita, converse com quem ame sobre seus sonhos profissionais e as questões que te perturbam, procure freqüentar eventos não pelo certificado, mas pela vivência em enriquecimento, caso contrário o nome já diz: é vento... Essas atividades e práticas em muito te ajudarão a pensar vínculos com seu objeto de estudo, desenvolver ânimo em sua pesquisa, cativar quem te ouve e seguir rumo ao processo de busca e inquietação perante um tema.

Não devemos escrever para um determinado evento científico, mas sim usar esse espaço de debates para partilhar nossa prática investigativa. O evento não é “fim”, mas “meio” de socialização e conscientização coletiva.



Considerações Finais

Prezado leitor ou leitora, desculpe o jeito que lhes escrevo. Só quero “quebrar o clima frio” que muitas vezes a academia pode ser. Não tenha medo de escrever! Dedique-se na procura de um tema que lhe interesse para pesquisar. Quando o encontrar comece escrevendo resumos expandidos para eventos, resenhas críticas para revistas, enfim, nunca deixe de praticar, quanto mais se escreve com paixão e opinião, mais melhoramos. Digo melhoramos, pois ninguém aprende nada sozinho, inclusive a escrever. Por isso é importante viver realmente a vida acadêmica, em seus grupos de pesquisa, eventos, palestras, disciplinas (obrigatórias e optativas). Não quero cometer o erro de lhe passar a imagem que “tudo é um mar de rosas”, mas juntos podemos, como afirmei na introdução, “fazer o bicho fugir”. Precisamos superar o mito de que quem “escreve bem” é quem sabe falar e “florear” as coisas simples. Daí a importância da paixão na escrita, saber quem é nosso interlocutor, para analisar, apontar críticas, refletir e problematizar. Como nos lembra Mário Quintana:

“Frases felizes... Frases encantadas...”

Ó festa dos ouvidos!

Sempre há tolices muito bem ornadas...

Como há pacóvios bem vestidos.”

A vivência em um tema de estudo e investigação, como já afirmamos, é imprescindível, já que a práxis (excelente exercício de reflexão e prática acadêmica) numa perspectiva “geneticamente” dialógica da qual nos falava Paulo Freire é, sobretudo, indispensável para a construção de uma categoria analítica fundada num ponto diametralmente oposto e comumente



excluído: a classe trabalhadora em sua realidade intencionalmente mascarada pela globalizante ideologia dominadora. Rubem Alves nos lembra que: “ostra feliz não cria pérola”, ou seja, a ostra precisa estar “incomodada” com algo para poder produzir a pérola. O mesmo ocorre com nós, já que precisamos estar questionando, querendo descobrir, refletir, debater, para poder pesquisar. Enquanto não criarmos uma união mobilizadora capaz de combater em pé de igualdade com um racionalismo existencial a partir da luta, uma ideologia realmente contra-hegemônica; a corrente vigente continuará a ser dominante! Talvez um dos desafios da nossa era, não seja o entendimento superficial de alienação como sendo a falta de estudos da maioria da população trabalhadora, numa compreensão tautológica e preconceituosa que constitui o discurso: “precisamos criar cidadãos críticos e transformadores”; mas sim a alienante desconexão da realidade produzida por uma parcela da elite intelectual que forma opinião daqueles que serão futuros educadores/as, com conseqüências moles, flácidas e sem pérolas...

Referências Bibliográficas:

CAETANO-CHANG, Maria Rita. **Redação Científica**. Instituto de Geociências e Ciências Exatas – IGCE – Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro – SP. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/aplicada/DIDATICOS/M%20RITA/APOSTILA%20%20REDA%C3%87%C3%83O%20CIENT%C3%8DFICA.pdf>> Último acesso: Jul. 2013

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 26 ed, São Paulo: Ed. Cortez, 1991.

GRAMSCI, A. **Escritos Políticos – Vol. I**. Portugal: Ed. Seara Nova, 1976

MÉSZÁROS, I. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.